

Por: Heitor Carvalho

1 O PRODUTO INTERNO BRUTO EM MEDIDAS DE VOLUME

Começemos pelo indicador mais utilizado na análise económica, embora não seja o indicador de actividade que privilegiamos.

De acordo com os cálculos do INE, o crescimento global do PIB de 2024 em medidas encadeadas de volume foi de 4,4% e o do PIB *per capita* em volume 1,2%!

Infelizmente, parece haver nestes dados um empolamento do indústria extractiva que apresenta um crescimento de 44,8% (62,4% no 4.º Trimestre) contra uma variação das exportações de diamantes em quilates de +2,5% (-23,5% no trimestre) e do valor anual das exportações dos restantes minérios e minerais de -38%. Como é que +2,5% em valor se transformam em +45% em VAB? Parece haver aqui um grave erro de registo.

Sendo a contribuição dos diamantes e outros minerais para o crescimento do PIB total de 1%, com um crescimento do sector de 45%, e tendo as exportações de diamantes em volume crescido 2,5% e dos restantes minérios e minerais -38%, é razoável admitir-se uma contribuição quase nula deste sector para o crescimento do PIB e, conseqüentemente, este parece estar empolado em cerca de 1%, ou seja, o PIB total poderá ter crescido apenas 3,4% e o PIB *per capita* pode ter estagnado!

2 O PRODUTO INTERNO BRUTO EM VALOR DEFLACIONADO

2.1 METODOLOGIA

Tal como a das medidas encadeadas de volume, a metodologia do valor deflacionado procura apresentar uma medida para o PIB real (o PIB medido em produtos). A metodologia geral consiste em deflacionar o PIB nominal do índice de inflação, ambos publicados pelo INE. Contudo, para não deturpar o valor dos rendimentos das “exportações”, o seu VAB¹ foi deflacionado da inflação mundial, muito menor do que a inflação interna.

A principal diferença para o PIB em volume é que esta metodologia privilegia o rendimento gerado pela produção: enquanto o PIB em volume mede a variação das quantidades produzidas, o PIB deflacionado mede a variação das quantidades que se podem comprar com as quantidades produzidas.

Parece igual, mas não é. A variação dos termos de troca implica que estas medidas possam ser muito diferentes, sobretudo quando se está em presença de mercados externos de *commodities* com muito peso, como é o caso do nosso petróleo.

As quantidades de produtos que podem ser compradas com um barril de petróleo vendido a 70 USD são muito inferiores às que correspondem ao mesmo barril vendido a 100 USD. Na metodologia de cálculo em volume, a produção de um barril gera sempre o mesmo PIB; na metodologia do cálculo em valor deflacionado, o valor depende do preço e da inflação. A metodologia do cálculo em volume sacrifica o valor do rendimento, assumindo que este é igual ao valor das quantidades produzidas a preços do período

1 Usámos o valor das exportações menos as importações de serviços às petrolíferas como aproximação ao VAB das exportações. Sempre que usada no neste sentido, escrevemos a palavra exportações entre aspas.

anterior²; a metodologia do valor deflacionado privilegia o rendimento, assumindo que o valor das quantidades produzidas corresponde às quantidades que se podem adquirir corrigidas do índice geral de preços.

2.2 O PIB EM VALOR DEFLACIONADO

Medido pela metodologia do valor deflacionado, o PIB cresceu 1,3% e o PIB *per capita* decresceu 1,8%!

Ficámos, em média, um pouco mais pobres!

Calculado com esta metodologia, o valor acrescentado da produção exportada, que é sobretudo composta por petróleo e diamantes, baixou de 33,2 para 31,5 mil milhões de USD (-5,3%); enquanto a produção restante subiu de 77,0 para 80,2 mil milhões (+4,1)!

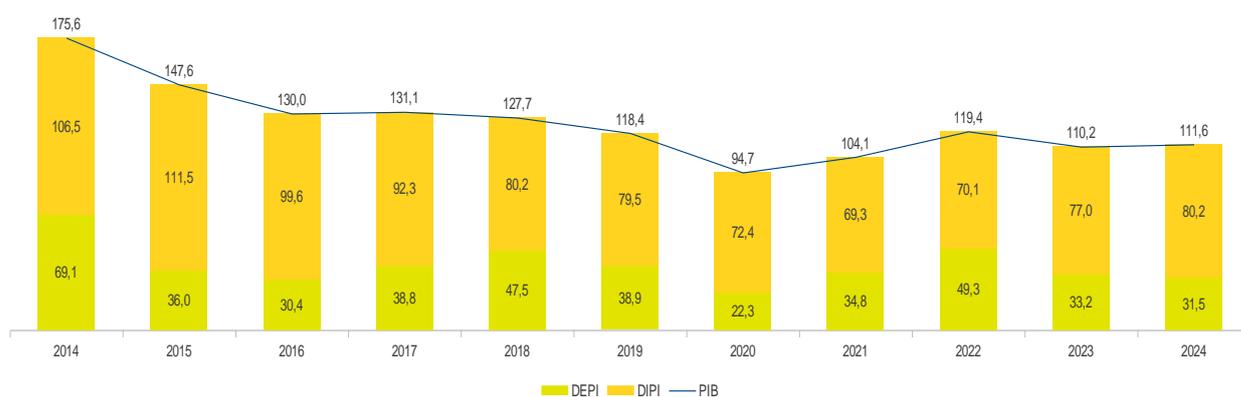
Ao contrário do PIB em volume, em vez de uma contribuição de +1,7% das extractivas (petróleo e diamantes) temos aqui uma contribuição de -1,6% das “exportações” (maioritariamente extractivas); no PIB não exportado temos uma contribuição de 2,7% em volume e +2,9% em valor deflacionado. Fora da esfera externa, as duas metodologias têm resultados semelhantes.

Embora o PIB *per capita* tenha decrescido 1,8%, ficámos um pouco mais pobres devido às quantidades e preços das nossas exportações (crescimento de -5,3%). O crescimento da produção não exportada (4,1%) situou-se acima do crescimento da população!

Contudo, como já sublinhámos, o VAB das extractivas em volume está muito provavelmente empolado no 4.º Trimestre, o que cria uma distorção geral no PIB anual de cerca de 1%; e, porque a produção não exportada é calculada subtraindo ao PIB total as importações retiradas da Balança de Pagamentos, o empolamento do PIB também aparece no cálculo em valor deflacionado e vai reflectir-se totalmente na produção não exportada.

Admitindo esse empolamento, teríamos um crescimento geral do PIB deflacionado de cerca de 0,3% (a nossa previsão era de -0,2%), um crescimento da produção não exportada de 2,7% (não 4,1%). Com esta correcção, o crescimento da produção não exportada situa-se um pouco abaixo do crescimento da população (2,7% contra 3,1%).

%)Tabela/Gráfico 1 — PIB nominal deflacionado anual com o cálculo misto e suas componentes (em milhões de USD de Setembro de 2022)



Fontes: BNA, INE.

Deixando o PIB como está, e observando a série longa vemos que, ignorando os anos de 2020 e 2021, devido à pandemia, e de 2022, devido aos preços do petróleo e gás, o PIB e as suas componentes de procura interna e externa apresentam uma redução constante

2 Posteriormente os índices são encadeados.

desde os 130 mil milhões de USD em 2016 até aos 111 mil milhões de 2024, a um ritmo médio anual de -2,3 mil milhões por ano, com algumas oscilações nas “exportações”, que apresenta um crescimento muito ligeiro, e uma perda acentuada na produção não exportada, que varia a um ritmo médio anual de cerca de -2,4 mil milhões de USD.

Comparando com o nível de antes da crise da COVID-19, a produção não exportada sobe muito ligeiramente de 79,5 para 80,2 mil milhões e as “exportações” descem de 38,9 para 31,5 mil milhões, levando a uma descida global do PIB de 118,4 para 111,6 mil milhões de USD de Setembro de 2022.

É esta redução das “exportações” medidas em produtos externos que está na origem da crise que ainda vivemos!

A redução dos preços do petróleo em 2025 faz-nos prever uma nova crise resultante do decréscimo das exportações que, contudo, não será evidente nos cálculos do PIB em volume do INE, onde a variação dos preços do petróleo, que não condicionam a produção no curto prazo, é quase irrelevante.

Luanda, 12 de Agosto de 2024